MEDIAÇÃO ESCOLAR, GRÊMIO ESTUDANTIL E TIC'S COMO TRÍADE PROPULSORA DO BEM ESTAR E DA JUSTIÇA SOCIAL EM ESCOLAS PÚBLICAS

SCHOOL MEDIATION GRÊMIO STUDENT 'S AND ICT AS DRIVING TRIAD OF WELL-BEING AND SOCIAL JUSTICE IN PUBLIC SCHOOLS

Najara dos Santos Oliveira[1], Dídima Maria Melo de Andrade[2], Osimara da Silva Barros[3], Luciane Ferreira Bomfim[4], Kátia Cristina Novaes Leite[5], Valnice de Sousa Paiva[6], Jucineide Lessa de Carvalho[7]

Abstract *— The overgrowth of violence has reached an alarming rate schools, especially those located in communities made vulnerable. This situation has contributed to the increase in youth victimization and concerned educators and parents seeking to find a solution to this serious problem. This paper aims to discuss the development of Restorative teaching practices supported by dynamic technological processes aimed at peaceful resolution of interpersonal conflicts experienced by students of basic education in public schools made vulnerable communities can collaborate to cut the spiral of violence in its logo beginning when people have differing ideas. To do so is based especially in Santos (2002), Brandão (2002) and Cappi (2009). Finally, it suggests the establishment of school conflict mediation centers amalgamated to student unions as drivers of strengthening the culture of peace in schools, using the potential of ICT as'S structuring this process.*

Index Terms – School Mediation, student unions, information and communication technologies.

INTRODUÇÃO

Embora muitas vezes, a violência ocorrida dentro do ambiente escolar, seja reflexo da violência que acomete a sociedade que está em seu entorno, urge a necessidade de pensarmos formas pedagógicas de prevenção de tais acontecimentos na escola. Isto porque, dentre outros motivos, eles causam tamanha sensação de instabilidade e insegurança que interferem na rotina escolar, no planejamento pedagógico e na aprendizagem de conteúdos pelos estudantes. Como podemos pensar em aprendizagem significativa, em contextos onde os estudantes encontram-se estressados e com medo? Daniel Golleman (2012, p.52) infere:

> [...] os sinais de forte emoção – ansiedade, raiva e afins – podem criar estática neural, sabotando a capacidade do lobo pré-frontal de manter a memória funcional. É por isso que, quando estamos emocionalmente perturbados, dizemos: "Simplesmente não consigo raciocinar" – e porque a contínua perturbação emocional cria deficiências nas aptidões intelectuais das crianças, mutilando a capacidade de aprender".

Por tais motivos, entendemos que a escola deve sim, se preocupar em criar um ambiente onde a sensação de segurança esteja presente e onde sejam trabalhadas as habilidades necessárias para a boa convivência, tanto entre o corpo docente, quanto entre o corpo discente e entre estes. Isso porque da mesma forma que alguns possuem dificuldade de entender conteúdos da matemática, história e geografia, outros possuem dificuldade de conviver, não conseguem lidar bem com situações de frustrações que os relacionamentos corriqueiramente nos trazem. Pessoas que possuem dificuldade de controlar seus impulsos e de considerar o ponto de vista do outro normalmente apresentam problemas em conviver harmonicamente com outras. De acordo com Diskin e Roizman (2002, p. 12):

[1] Oficial da Polícia Militar, Especialista em Psicopedagogia, Membra do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). naitipemse@gmail.com
[2] Pedagoga, Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora Assistente da UNEB (Universidade do Estado da Bahia).
[3] Pedagoga, Membra do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Professora de Tecnologias da Escola Experimental. osimarabarros@gmail.com
[4] Pedagoga, Especialista em LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais e Atendimento Educacional Especializado. Membra do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). luciane_bomfim@yahoo.com.br
[5] Graduada em Letras, Especialista em Educação Especial e Avaliação Educacional. Coordenadora da APAE – Jacobina. Membro do Grupo de Pesquisa TIPEMSE- Tecnologia, Inovações Pedagógicas e Mobilização Social pela Educação da UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Katialeite.ba@gmail.com.
[6] Pedagoga, Mestre em Educação e Contemporaneidade. Professora Assistente da UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Líder do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). valnicesp@yahoo.com.br
[7] Pedagoga, Mestre em Tecnologias da Informação e Comunicação para Formação em Educação a Distância. Membra do Grupo de Pesquisa TIPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação – UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Professora da Faculdade Batista Brasileira – FBB. Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Salvador. jucineidecarvalho@gmail.com

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.49-53
© 2015 COPEC

> O problema começa quando resulta difícil aceitar o ponto de vista do outro. Perdemos a paciência, nos tornamos intolerantes, discutimos e, sem querer, podemos utilizar a violência para lidar com esse conflito. Em uma atitude imediatista e impensada, corremos o risco de desrespeitar a vida, machucando nosso semelhante com palavras, gestos, atitudes… É exatamente assim que começam as brigas e as guerras. E é justamente esta espiral de violência que queremos eliminar.

Pesquisas como as de BASTOS, SANTANA e SANTOS (2010), ALMEIDA (2009) e LIMA (2011), apontam para a necessidade urgente de uma educação que propicie o diálogo e estimule uma solução pacífica dos conflitos. E escutas comunitárias realizadas por meio da Câmera Setorial de Prevenção Social (CSPV) ligadas ao Programa Pacto pela Vida (PPV) aqui em Salvador têm demandado alternativas para resolver esse problema. Apontando a necessidade de se trabalhar nas escolas sob uma perspectiva de respeito à vida e as diferenças humanas, incluindo-a no lugar que lhe é propício no sistema de prevenção social.

Isso é possível através de projetos pedagógicos que auxiliem os adolescentes e juvenis a lidarem de forma mais positiva com as frustrações e com a diversidade tendo em vista que ela por si só é geradora de tensões e conflitos. Pois ao lidar com decepções ou situações estressantes, muitos se descontrolam e agem impulsivamente partindo para a agressão verbal e, às vezes, para a agressão física, antes mesmo de tentar outras alternativas de resolução do problema em pauta. Para tanto, sugerimos o uso das TIC'S como estruturantes desses projetos, face ao grande interesse e habilidade que os estudantes têm demonstrado diante de tais tecnologias.

Sendo assim, este artigo busca discutir possibilidades do desenvolvimento de práticas pedagógicas restaurativas apoiadas pelo uso das TIC's com vistas à resolução pacífica de conflitos interpessoais vivenciadas por estudantes da educação básica, em escolas de comunidades vulnerabilizadas.

MEDIAÇÃO ESCOLAR E GRÊMIO ESTUDANTIL: ALIADOS DA PAZ NAS ESCOLAS

Embora as escolas tenham refletido a violência vivida pela sociedade, acreditamos ser possível reduzi-la quando não a reproduzimos e quando encontramos soluções pacíficas para resolver os problemas cotidianos. Isso porque a violência é apenas uma forma de resolver os conflitos e existem alternativas mais assertivas e dialógicas para fazer isso. Nesse sentido entendemos que a mediação escolar, como ideologia norteadora das ações dos grêmios estudantis, pode se constituir como uma importante via alternativa para a resolução de conflitos em contexto escolar.

Importa citar que em 2002, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas adotou a Resolução nº 2002/12, recomendando aos Estados-membros a instauração do procedimento de Justiça Restaurativa, com seus princípios básicos na área criminal, se estendendo como forma de prevenção da violência em Escolas. Propondo o estabelecimento de uma cultura de paz para tornar-se uma forma alternativa de resolução de conflitos.

De acordo com a UJE (2010): "O grêmio estudantil é uma entidade criada e gerida por estudantes da educação primária à superior em suas respectivas escolas, faculdades e universidades com o intuito de representar seus interesses, podendo também promover atividades sociais, científicas e culturais". O grêmio é composto por uma diretoria eleita pelos estudantes que deve se subdividir em departamentos ou em outras diretorias. Estas ficarão responsáveis por agregar mais estudantes no planejamento e participação das atividades e por atender demandas específicas, compondo as diretorias que sejam de interesse dos estudantes, tais quais de esportes, de cultura e de comunicação. E aqui propomos, que em escolas que desejam trabalhar a boa convivência, seja criada, no grêmio, uma diretoria de práticas restaurativas onde será implantado o núcleo de mediação de conflitos, onde o mediador possa mediar os conflitos interpessoais ocorridos entre os estudantes.

De acordo com BRANDÃO, etal (2002, p.07) a mediação pode ser definida "[...] como um processo não adversarial, confidencial e voluntário, no qual um terceiro imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes, onde um acordo mutuamente aceitável poderá ser um dos desenlaces possíveis". Para Pinto da Costa (2010, p. 04):

> [...] a mediação incute novas formas de diálogo e de (re)encontro interpessoal, pois baseia-se em regras, técnicas e saberes ao nível da cooperação, da comunicação e da negociação entre os intervenientes envolvidos em dinâmicas resultantes de diferenças ou de diferendos, auxiliando-os na resolução de problemas que os opõem, através de soluções mutuamente satisfatórias e construídas pelos sujeitos envolvidos.

A mediação através de um modelo restaurativo e conciliatório busca analisar o conflito em si tendo como foco de intervenção a relação entre as partes através de um processo negociado que visa à instauração de um acordo que seja bom para ambos os lados. Na mediação um mau acordo não é interessante, visto que dele podem resultar futuros e mais nocivos conflitos. De acordo com Zapparolli e Júnior (2008, pág. 347) "O objetivo da mediação não é necessariamente a obtenção de um acordo, mas a transformação do padrão de comunicação e relacionamento dos envolvidos, com vias a um entendimento".

Dentre todos os benefícios da mediação destacamos a possibilidade de transformação do padrão de relacionamento entre as partes. Cordeiro (2009) divide os benefícios da mediação entre primários e secundários. Sendo os primários a celeridade, a efetividade de resultados, a preservação de autoria, o alinhamento do interesse mútuo, a redução do custo emocional e financeiro e o sigilo e a privacidade. Entre os

secundários encontra-se a prevenção na formação e a redução da reincidência de conflitos, a fluidez na comunicação e a melhoria dos relacionamentos interpessoal e inter/intragrupal.

Para Almeida (2009, p. 85) "No âmbito escolar a mediação se inscreve como uma ação socioeducativa importante, pois a reflexão produzida em situação de mediação contribui para pensar a discriminação, operação e exclusão em todas as suas manifestações: colabora para a formação de sujeitos conscientes, participativos e solidários". Dessa forma, acreditamos que a mediação em seu sentido amplo pode contribuir para a pacificação dos espaços escolares e para uma maior humanização das relações. Tendo em vista que proporcionam a possibilidade de enxergar o outro, ação que normalmente não conseguimos fazer quando estamos em meio a um conflito interpessoal. A mediação traz um novo olhar para o conflito, encarando-o como uma preciosa oportunidade de aprendizagem emocional e social.

Sua implantação traz técnicas que contribuem para que a escola deixe de ser meramente conteudista e passe a trabalhar com a autonomia, o controle emocional e o protagonismo juvenil. Gerando valores e aprendizagem para toda a vida, através de uma educação transdisciplinar que leve em consideração a subjetividade dos educandos, pois como bem infere Lima Junior ([2013], p. 26) no que tange a abordagem da pesquisa aplicada em Educação, o fundamental "não é apenas intervir, mas intervir com os sujeitos e a partir deles mesmos, de seus contextos, de seus interesses, de suas necessidades, de seus desejos, de suas condições (materiais e simbólicas, sócio-histórico-cultural e subjetiva)".

Alves (2011, pág. 100) enfatiza: "[...] não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo". Nesse sentido, importa ressaltar que a UNESCO acatou o Relatório da Comissão Internacional para a Educação que considera o "aprender a viver junto" como um dos pilares da educação para o século XXI, tamanha é a importância da forma como vivenciamos as nossas relações para o desenvolvimento sadio do indivíduo, da escola e da sociedade.

De acordo com Cappi (2009, p. 28) "O conflito é inerente ao ser humano […] é ligado à diversidade, logo à possibilidade de escolha: havendo duas opções diferentes, uma será provavelmente incompatível com a outra, gerando-se assim um conflito". Tal afirmação nos aproxima da compreensão de uma diferença fundamental, a existente entre conflito e violência. Visto que conflito é dissenso e que violência é uma das formas utilizadas para resolver os conflitos, entretanto ela não é e nem precisa ser o único meio a ser usado para resolver as divergências. Com a mediação visamos justamente mostrar que existem outras possibilidades de resolução.

Tal entendimento nos leva a perceber a importância dos conflitos na mudança do status social. Tendo em vista que eles surgem na medida em que as pessoas divergem de opiniões e anseios em relação a assuntos comuns. Dessa forma "[...] atrelar o conflito à diversidade nos permite percebê-lo não somente como problema, mas também como oportunidade, possibilidade de crescimento, meio pelo qual alcançar novos patamares de existência" (CAPPI, 2012, p.28).

Cabe destacar que o processo de mediação, como forma de resolução de conflitos interpessoais, só ocorre quando as partes envolvidas – vítima e agressor – consentem em participar, visto o seu caráter voluntário, que respeita a individualidade e a liberdade do indivíduo. Tal medida é imprescindível para que o processo possa atingir os resultados esperados, tendo em vista que não se pode pensar um processo restaurativo que não leve em conta o dinamismo e a subjetividade do sujeito nele partícipe.

Importa frisar, também, que o mediador não está presente para ajuizar, decidir ou sugerir uma solução para o conflito apresentado. Está apenas para facilitar o diálogo, parafraseando as falas com vistas a levar ao melhor entendimento das questões, e dessa forma viabilizar o estabelecimento de um terreno propício para a criação de um acordo, que deve ser proposto e aceito pelas partes. Ao mediador cabe reger o processo de mediação entre os participantes de forma a facilitar a comunicação e a propiciar a escuta a ativa, bem como a reconstrução das narrativas. Para tanto ele deve utilizar técnicas específicas de promoção do diálogo e análise dos discursos, utilizando-se de paráfrases para conseguir reproduzir com fidelidade o interesse e os motivos que levaram as pessoas aquele processo.

Essencialmente os grêmios estudantis são constituídos para servirem como um elo entre os anseios dos corpos docente e discente da escola, normalmente composto por estudantes que se caracterizam como líderes natos. Nesse sentido, acreditamos que um grêmio que possua a consciência despertada para a necessidade de se manter relações de convivência dialógicas, que respeite a pluralidade de mundos que convivem dentro do espaço escolar e atue como agentes multiplicadores da tolerância e da cultura de paz possui muito a agregar na construção de uma escola e de uma sociedade mais segura e livre e poderá ter esse seu potencial elevado ao se utilizar das tecnologias de informação e comunicação. Pois quando estudantes se propõem a ajudar seus colegas a resolverem os conflitos existentes entre eles, ou entre eles e a instituição, de forma dialógica, dinâmica e proativa, isso pode mudar completamente a forma como essas pessoas vivenciam suas relações.

USO DAS TIC'S POR ADOLESCENTES

Com o advento das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e as interfaces da web 2.0 surge a possibilidade da inserção de conteúdos pelo receptor de informações, assim como do emissor, propiciando o diálogo e construções coletivas no ciberespaço. Também com o advento das redes sociais, que ampliam as possibilidades de encontros e atuações através de colaboração, tem-se potencializado outras perspectivas que precisam ser exploradas e experimentadas,

precisando que as potencialidades sejam descobertas e exploradas, visto as diversas possibilidades que elas oferecem.

A pesquisa Uso da Internet por Adolescente realizada pela UNICEF em 2013, nos mostra que 70% dos adolescentes brasileiros possuem acesso à internet - sendo portanto, considerados incluídos - e que destes, 85% mantem perfil ativo nas redes sociais. Entretanto, a pesquisa também nos traz que o uso da internet por esse grupo social é realizado majoritariamente em busca de diversão, correspondendo a cerca de 75% da utilização. Sendo ainda baixa a utilização de recursos da rede web 2.0 que estão ligados a produção de conteúdo e que possibilitam uma atividade autoral mais intensa, variando entre 5% a 19% da participação em lista de discussões e blogs.

A pesquisa nos mostra que "um dos desafios da inclusão é estimular os adolescentes não somente ao acesso mas também a produção de conteúdo. Isso significa mostrar que é possível ir além da consulta e do bate papo e partir para a produção de ideias" (UNICEF, 2013, p.21). Como exemplo de possibilidade de utilização positiva das redes sociais trazemos a mobilização realizada pela hoje jovem Isadora Faber, que se utilizou do *facebook* através da criação da página "Diário de Classe" para visibilizar os problemas estruturais e de gestão enfrentados por sua escola, constrangendo às autoridades responsáveis a realizarem algumas das mudanças necessárias.

Além disso, Isadora Faber inspirou muitos seguidores a serem protagonistas de suas próprias histórias, espalhando a quantidade de diários de classes existentes no país, escritos por outros estudantes. E atualmente a página do facebook de Isadora já conta com mais de 630.000 seguidores (FABER, 2014). Acreditamos que da mesma forma que Isadora conseguiu mobilizar pessoas pela web 2.0 para se tornarem agentes de mudança, é possível, que com o devido estímulo, surjam outros juvenis e jovens mobilizadores que possam ajudar a difundir os princípios da cultura de paz e das práticas restaurativas no ambiente escolar. Promovendo discussões em rede que tratem dos direitos e dos deveres ligados à cidadania, aos métodos alternativos para soluções pacíficas de conflitos, à inclusão sociodigital e ao uso crítico e democrático da TIC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste intento, consideramos importante e promissor o desenvolvimento de projetos pedagógicos que estimulem a utilização positiva das TIC'S como estruturantes de um processo de implementação e difusão da cultura de paz e como propulsora do bem estar e da justiça social nas escolas. Por isso propomos o uso das TIC's como aliados ao trabalho a ser desenvolvido por núcleos de mediação de conflitos que estejam amalgamados aos grêmios estudantis das escolas.

Entretanto, estamos cientes de que para alcançarmos resultados efetivos em todo o universo escolar, no que diz respeito à melhoria dos espaços de convivência é imprescindível que a implantação do projeto se dê em níveis institucionais, permeando a cultura escolar no que se refere à solução de conflitos, atingido docentes, discentes e equipe de apoio. E sendo assim, o tema da prevenção e da violência deve ser abordado de forma transdisciplinar e transocial, como proposto por Pierre Weill (2002) visando incluir toda a equipe docente e de funcionários da escola, juntamente com os estudantes, na reflexão e discussão por caminhos de mudança que visam o estabelecimento de uma escola mais segura e de uma cultura de paz.

Dessa forma, fica evidente que adotar atitudes preventivas dentro do espaço escolar implica mais do que a mudança na visão e a atitude dos estudantes sobre os conflitos enfrentados e sobre o controle das suas próprias emoções. E esta também não se encerra no uso das TIC's como estruturantes desse processo. Mas implica no estabelecimento, pelos docentes, de práticas educativas que visem à restauração das relações rompidas durante o conflito e à criação de vínculos, bem como no desenvolvimento de uma política institucional participativa que enxergue além da punição, que trabalhe com a responsabilização, com a reparação de danos e sobretudo com o respeito e a valorização dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

[1] ALMEIDA, Sinara Mota Neves de. *Avaliação das concepções da violência no espaço escolar e mediação de conflitos*. 2009. 190 f. Tese (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009ALVES, Rubem. *A escola que sempre sonhei sem imaginar que existia*. 13ª São Paulo: Papirus, 2011. 125 p.

[2] BASTOS; SANTANA; SANTOS. V*iolência na Escola: grito e silêncio*. Salvador: Edufba, 2010. 172 p.

[3] BRANDÃO et al. *Projeto Escola de Mediadores*. Rio de Janeiro: Viva Rio: Balcão de Direitos, 2002. 33 p.

[4] CAPPI, Riccardo. Mediação e Prevenção da ViolÊncia. In: VELOSO, Maria Lomanto; AMORIM, Simone; LEONELLI, Vera. *Mediação Popular*:Uma alternativa para a construção da justiça. Salvador: Juspopoli, 2009. p. 27-35.

[5] CORDEIRO, Bernadete. *Curso de Mediação de Conflitos 1*. Brasilia: Senasp/MJ, 2009. 53 p.

[6] DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. *Paz como se faz?*: Semeando a cultura de paz nas escolas. Rio de Janeiro: Athenas, 2002. 95 p

[7] FABER, Isadora. *Diário de Classe*. 2014. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DiariodeClasseSC>. Acesso em: 04 set. 2014.

[8] GOLEMAN, Daniel; PHD. **O Cérebro e a Inteligência Emocional:** Novas perspetivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 115 p.

[9] LIMA, Antônio José Tavares. *Um estudo etnográfico sobre a violência em uma escola municipal de Salvador*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de

Ciências Humanas, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2011Buoro, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

[10] LIMA Jr, Arnaud Soares. Educação e Contemporâneidade, Salvador, p.1-29, [2013.

[11] PINTO DA COSTA, Elisabete (2010) Novos espaços de intervenção: a mediação de conflitos em contexto escolar. In Vasconcelos-Sousa, José, *Mediação e criação de consensos: os novos instrumentos de empoderamento do cidadão na União Europeia*, pp. 155-166,Coimbra, Mediarcom/Minerva.

[12] WEIL, Pierre. *A arte de Viver em Paz*: Por uma nova consciência e educação. 7. ed. São Paulo: Gente, 2002.

[13] Reis, Jogremir S. dos. (org). Arte como terapia no tratamento de pessoas com deficiência. Araranguá: ACAPED, 2009.